DEMOCRACIA — SOCIALISMO — COMUNISMO

Darcy Azambuja

Democracia, socialismo e comunismo — Sobre cada um desses temas se tem escrito milhares de livros.

Sintetizar o que há de essencial, em forma exata, seria obra de muito saber e tempo, e ambos não me socorrem.

Faria injúria à inteligência e ao bom senso dos leitores, se fôsse alinhar aqui em frases sonoras mas gastas pelo uso, o libelo ou o elogio da democracia, do socialismo e do comunismo.

O que pretendo, e Deus me ilumine nesse propósito, é expor objetivamente, dentro dos princípios da ciência política, o que é a democracia, o socialismo e o comunismo, e se eles são compatíveis entre si.

Apenas a explanação e a significação desses três conceitos, procurando, dentro das limitações da condição humana, ser sincero e imparcial, pois a equação pessoal é presente nas próprias operações matemáticas, quanto mais em assuntos sociais e políticos.

Ainda assim, e por isso mesmo, me sinto temeroso e perplexo ante a enormidade do labor, no qual se têm esfalfado eminentes pensadores.

Nêles procurarei o fio condutor, no intuito de, como ensinou um filósofo francês, eliminar os erros e conciliar as verdades.

Democracia, socialismo e comunismo são três conceitos fluídos e variáveis, como todos os que se referem ou dependem da filosofia e da sociologia.

Poder-se-ia afirmar que, mesmo entre os que refletem sobre eles, cada um tem opinião diferente dos demais.

Tentemos encontrar, nessa discordância geral, alguma coisa comum, exata e verdadeira.

Começemos, para facilitar a explanação, pelo último item — o comunismo.

Longo e fastidioso seria perquirir em escritores de segunda mão o conteúdo certo do comunismo.

Ele está, como ideologia, no famoso **Manifesto** de Marx e Engels.

Não poderíamos citar todos os seus pontos essenciais, que contêm muitas divagações. Vejamos, para compreendê-lo, o que diz um pensador contemporâneo, até por muitos considerado comunista, Haroldo Laski.

O comunismo, "como ideal, significa uma sociedade em que as classes foram abolidas como resultado da propriedade comum dos meios de produção e distribuição. Como método, pensa que esse ideal somente pode ser alcançado pela revolução social, sendo a ditadura do proletariado o instrumento dessa revolução".

E o **Manifesto**, em traços fulgurantes, como disse Jean Jacques Chevallier, assim resume a história da humanidade:

"Homem livre ou escravo, patricio ou plebeu, barão ou servo, patrões ou empregados, numa palavra, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição, numa luta sem tréguas, ora dissimulada ora aberta..."

Cada vez mais se divide a sociedade inteira em dois campos inimigos, em duas classes diametralmente opostas, a burguesia e o proletariado".

E mais adiante prossegue o **Manifesto**:

"As condições burguesas de produção, intercâmbio e propriedade, sociedade burguesa que fez surgir, como por encanto, tão poderosos meios econômicos, está impotente, como o aprendiz de feiticeiro, para dominar as forças infernais que invocou. Há dezenas de anos a história da indústria e do comércio não é mais do que a história da revolta das forças produtivas modernas contra as condições modernas de produção, contra as condições da propriedade, que são vitais para a burguesia e seu predomínio".

"Todos os movimentos, até agora, têm sido realizados por minorias ou no interesse de minorias.

O movimento proletário é o da imensa maioria no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada inferior da sociedade, não poderá erguer-se sem fazer saltar toda a estrutura das camadas que formam a sociedade oficial".

Depois de longas e por vezes esplêndidas considerações para provar a justeza de seus intuitos, o **Manifesto** conclui textualmente: "Os comunistas não dissimulam suas idéias e projetos. Declaram abertamente que não podem atingir seus

objetivos senão destruindo pela violência a antiga ordem social. Que as classes dirigentes estremeçam ante uma revolução comunista.

Os proletários nada têm a perder com ela, senão as próprias cadeias. E têm um mundo a ganhar. **Proletários de todos os países, uni-vos!**"

Todos os pensadores comunistas, após o famoso **Manifesto**, não fizeram mais do que comentá-lo e desenvolvê-lo, principalmente quanto à estratégia a seguir para colimar suas finalidades.

Assim Trotsky, que pagaria com a vida futuras divergências, foi bem explícito e afirmou: "Não aceitamos as doutrinas blandiciosas sobre a santidade da vida humana. Éramos revolucionários na oposição e continuamos a ser com o poder nas mãos. Para redimir o homem temos que destruir a ordem social que o esmaga, e isso somente poderá ser feito pelo sangue e pelo ferro".

Aí está, nu e cru, o que é o comunismo, conforme ele mesmo o declara.

E assim pensando, não há negar que, sob o aspecto estritamente técnico, isto é, quanto aos métodos para atingir o que deseje, o comunismo se mostra realista.

E' evidente que a burguesia, a classe capitalista, não cederia seus bens e sua posição social pacificamente. De outro lado, em nenhum país as classes proletárias estão ainda adequadamente organizadas, nem têm cultura e meios para realizar a transformação almejada em pouco tempo.

Daí porque, em primeiro lugar, é preciso uma elite esclarecida e rigidamente organizada que assuma a direção da luta — e essa elite é o partido comunista, consciente dos seus objetivos e métodos a empregar.

Em segundo lugar, para o rápido advento da era de ouro do comunismo, as pequenas ou grandes concessões da classe capitalista aos operários serão apenas paliativos. Por isso, quanto mais violenta e implacável for a ação das classes oprimidas, tanto mais depressa obterão a vitória.

Para levar a termo essa formidável revolução, não bastam as convicções e teorias sobre a organização econômica e social. E' preciso fé, intransigência, um furor idealista capaz de usar todos os meios para atingir o fim.

O inimigo, pois, para o comunismo, não é apenas o interesse egoísta da burguesia, mas também os preconceitos e crenças em que ela se tem apoiado para explorar as classes operárias. Conseqüentemente, deverão ser atacadas e destruí-

das a religião — o ópio do povo, segundo Marx — a liberdade ilusória, que é privilégio da burguesia, o patriotismo, o individualismo, e sobre os escombros dessas velharias construir a sociedade futura, sem classes, sem propriedade e até mesmo sem autoridade política, sem Estado.

Quando será atingido esse ideal de uma sociedade perfeita, nem Karl Marx, nem Lenine, nem qualquer pensador comunista assinalou algum prazo.

Primeiro será a revolução, depois a ditadura, não do proletariado, que não tem ainda condições para isso, e sim do partido comunista, ou melhor, da Terceira Internacional, representada por uma comissão suprema com sede em Moscou.

Não é meu intuito emitir agora juízos de valor sobre o comunismo, aqui exposto em traços fragmentários. Mais adiante o faremos.

Convém, nesta altura, uma pergunta: Comunismo e socialismo são a mesma coisa?

Todos os comunistas se dizem socialistas; a maioria dos socialistas não se considera comunista.

Ubi veritas? Onde está a verdade?

Quase todos nós, homens apressados e inquietos, nesta civilização caótica, que nos submete a tremendas pressões e dilemas, não estamos capacitados a responder, pois a ignorância ou a displicência, a malha de chavões e estereótipos, e a propaganda tendenciosa nos deixam perplexos.

Longo e não raro decepcionante é o caminho da verdade, principalmente em assuntos sociais e políticos.

Após extremo labor no veio da mina, o que se encontra muitas vezes não é metal precioso, mas amálgama medíocre, que pesa muito mais do que vale.

O socialismo, que se divide em várias correntes, também afirma, como o comunismo, que para realizar uma sociedade feliz é preciso que se suprima a concorrência desleal e opressora do capitalismo e sejam socializados os meios de produção, a natureza, o capital e o trabalho. Mas, pelo menos para os socialistas moderados, essa desapropriação deve ser gradual, evolutiva e não revolucionária e sempre consentida e aprovada expressamente pelo povo, através de instituições democráticas.

E ainda mais. Enquanto o comunismo afirma que é necessária a revolução total e logicamente a supressão da liberdade, os socialistas aspiram uma transformação pacífica, em que o Estado somente intervenha no campo econômico. Tudo o mais, como a religião, a ciência, a educação, a moral, a arte

continuará a ser domínio do indivíduo e da sociedade, sem ingerência do poder estatal.

Portanto, em resumo, e do ponto de vista econômico, comunistas e socialistas querem a mesma coisa: a planificação econômica total; os primeiros através da revolução e da ditadura; os outros, pela evolução democrática.

///

Não quero negar, em tese, a sinceridade dos verdadeiros comunistas e socialistas para realizar uma sociedade melhor do que aquela em que vivemos.

O que me repugna no comunismo é a supressão sistemática da liberdade individual, e o que lastimo no socialismo é a ilusão fatal de que possa manter a liberdade em uma sociedade economicamente planificada.

As reservas e críticas que farei, não serão originalmente minhas, mas hauridas e apreendidas em eminentes pensadores, mesmo comunistas e socialistas.

No entanto, antes de entrarmos a referi-las e para comodidade da explanação, abordemos o último termo do trinômio — a democracia — e comparemo-la com o comunismo e o socialismo.

Não que isso me pareça curial; em rigor, seria desnecessário.

Mas, atualmente se fala tanto em democracia popular — expressão grosseiramente redundante — e que quer dizer regime comunista, e em democracia planificada, isto é, socialista, que sem dúvida se impõem algumas retificações nos termos e precisão nas idéias, para evitar lastimáveis equívocos nos homens de boa vontade.

O maior mal que se tem feito à democracia é pensar no que ela devia ser, conforme nossas preferências pessoais, e não ver o que realmente ela é; e daí esperar que ela dê o que por si só ela não pode dar.

Para muitos, talvez a maioria, é um regime que deve necessariamente assegurar a felicidade social, o bem estar, a vida boa; realizar enfim as mais profundas aspirações da alma humana. Se não existe esse paraíso social, é porque não há realmente democracia.

E é nessa mística, feita de ignorância e de inexperiência, de indolência e de egoísmos inconscientes, que recolhem e temperam suas armas os inimigos da democracia.

Eu estaria propenso a dizer que, doutrinária e praticamente, a democracia não é a tranqüilidade e a boa vida, o conformismo e o bem-estar. Ela é a luta, interior e exterior ao homem, cotidiana, consciente e sem descanso para realizar a justiça e a paz, porque nenhum dêsse ideais se atinge sonhando e esperando, senão combatendo e se sacrificando.

Deixamos por enquanto de lado essas considerações gerais.

///

A democracia, em si mesma, não é um ideal, um paraíso social, um conto de fadas, em que todos tenham tudo e a ninguém falte nada.

A democracia é um método, um processo concreto para que os governantes sejam escolhidos pelos governados, mediante eleição. Só isso. E parece muito pouco.

Porém é muito mais do que a seca noção torna explícito; e por isso o conceito de democracia tem tantos aspectos, quase tantos quantos os espíritos que sobre ela meditaram.

Os homens quase sempre divergem e discutem porque não definem previamente os termos que empregam.

Tentemos evitar êste escolho, precisando a compreensão das palavras e dos conceitos, e deduzindo dêles as consequências lógicas.

Na democracia os governados elegem os governantes, quer dizer, o povo elege o govêrno.

Que quer dizer eleger?

Etimologicamente e vulgarmente, eleger é sinônimo de escolher. Entre duas ou mais coisas, — em nosso assunto entre várias pessoas — eu escolho uma ou várias conforme o caso.

Mas, para escolher, para eleger, eu devo ter a prerrogativa de afastar as que não quero e indicar as que prefiro. Sem isso não haverá escolha.

Logo, e sem nenhum esforço dialético, a eleição supõe a liberdade em quem elege. Indiscutivelmente, pois, a democracia supõe a liberdade. Onde e quando o povo não tenha a liberdade de eleger os governantes, não haverá democracia. O regime poderá ser bom ou mau, mas se os governantes não forem livremente eleitos não haverá regime democrático.

Não há nenhuma metafísica no caso, nem sofismas, nem subterfúgios. E' lógico, evidente, concreto.

Liberdade para eleger é essencial; porém não basta.

Quem deverá eleger os governantes são os governados, quer dizer o povo, todos, salvo aquelas pessoas naturalmente incapazes, como as crianças, os loucos etc.

Não poderá haver, na democracia, exclusões derivadas de outros motivos, como a raça, a religião, a condição social.

Eis que, além da liberdade, a democracia supõe a igualdade. Não a igualdade física e intelectual, pois todos os homens são desiguais, e sim a igualdade política, o direito de votar e ser votado, desde que preenchidas as qualidades mínimas de capacidade.

Mas, afirmando que a democracia tem como base a liberdade e a igualdade, a ciência política, dizendo tudo o que podia dizer, disse muito pouco para muitos.

O homem não se contenta em saber o que um regime é; êle aspira o que deveria ser. A verdade nua e crua não basta, e por isso a ciência é limitada e precária, mesmo com seus formidáveis progressos.

Nós queremos uma vida melhor, sejam quais forem as condições da matéria e da energia. Consideramos um romance de aventuras as viagens de astronautas em torno da terra e mais tarde a Marte e a Vênus.

O que nos interessa é se o conhecimento de Marte e de Vênus trará enfim paz e a felicidade ao nosso pequenino planêta errante nos infinitos abismos siderais.

Será isso egoísmo? Talvez não.

E' tendência natural da criatura humana a plena expansão de suas aptidões físicas, morais e espirituais.

Daí por que não nos satisfaz o conceito científico e prosaico de democracia; exigimos dela qualidades e possibilidades que são de ordem moral.

Talvez surpreendêssemos a muitos se dissêssemos que quase todos esperam da democracia que ela seja uma **aristocracia**. Mas isso seria puramente a virtude que não atingimos ou deliberadamente ocultamos até de nós mesmos.

Sim, uma aristocracia, o govêrno dos melhores, dos homens bons, dos homens moral e intelectualmente superiores, capazes de resolver os problemas que nos afligem e realizar uma vida melhor para todos, a vida que desejamos e idealizamos.

Não é bastante, pois, que os governantes sejam livremente eleitos pelo povo. E' necessário que êles governem, não tendo em mira o interêsse próprio, e sim o de todos, o bem comum, o bem público, e que ainda para isso, que governem de acôrdo com a opinião pública.

Surgem aqui dois novos conceitos que se adicionam à democracia, independentemente de sua pura noção científica: bem público e opinião pública.

Para explanar e interpretar cada um deles muito tempo seria exigido.

Encurtemos a dissertação para o primeiro dizendo que o bem público é a ordem, a justiça e o progresso.

E vamos deter-nos um pouco mais em relação ao segundo.

Que é opinião pública?

A pergunta parecerá ociosa e até descabida, quando é inegável que todo mundo pensa que sabe o que ela é, e quando tanta e tanta gente está convencida ou pelo menos diz que representa a opinião pública.

Vereadores, deputados, senadores, quando sobem à tribuna, para defender pontos de vista opostos uns ou outros, asseveram interpretar a opinião pública. Cada jornal, com sua orientação própria, afirma expressar a opinião pública. Quando quinhentas ou mil pessoas se reúnem em comício eleitoral, os oradores também declaram falar em nome da opinião pública.

Resumindo centenas de exemplos semelhantes é que um humorista inglês conta o fato de que nove alfaiates de Londres dirigiram à Câmara dos Comuns uma petição contra novos impostos sobre roupas feitas, e a petição começava assim: "Nós, representando a opinião pública da Gran Bretanha..."

Ora, se opinião pública fôsse isso, realmente ela não existiria, e é o que muitos pensadores afirmam, por serem contrários à democracia.

Vamos por partes.

Opinião não é uma convicção, uma certeza científica. É uma tendência, uma atitude que tomamos, em virtude de vários fatores sobre um assunto ou fato, e que pode ser verdadeiro ou não. Que o calor dilata os corpos, é uma verdade; que a monarquia é uma forma de governo, também é uma verdade. Agora, que a monarquia seja a melhor forma de governo já não é uma verdade científica, demonstrável. Opinião, portanto, é um ponto de vista, uma preferência, um modo de encarar os homens e os fatos.

E o que se torna necessário para que a opinião seja a opinião pública?

Se exigirmos que seja a opinião de todos, da unanimidade, então a opinião pública não existiria, pois é impossível

vel e talvez impossível que todos os homens tenham a mesma opinião sobre assuntos políticos.

Então a opinião pública é a opinião da maioria?

Parece que essa é a melhor noção, sujeita, porém, a uma restrição peremptória.

A opinião pública será a opinião da maioria do povo desde que não suprima a liberdade da minoria. Porque, onde não houver liberdade, não se poderá saber a opinião dos indivíduos, nem da maioria e muito menos da minoria. Se cada um ou cada grupo social não puder expressar livremente sua opinião, é impossível a existência da minoria. Quando a maioria, ainda que por meios aparentemente democráticos, proíbe a livre expressão do pensamento, não há mais democracia nem opinião pública.

Isso é evidente por si mesmo, não carece demonstração.

Não termina aí, no entanto, a **via crucis** da democracia, por que seus inimigos afirmam que não existe opinião pública.

No mundo moderno, dizem eles, os problemas de governo são tão numerosos e complexos que raros indivíduos têm competência para opinar sobre eles, e portanto a maioria dos homens não têm tempo, nem cultura, nem mesmo interesse em conhecê-los.

O que há, continuam, são correntes esporádicas de opiniões, divergentes e interesseiras, manobradas pela propaganda de partidos e de grupos de pressão, que visam o bem próprio e não o bem comum.

A democracia, concluem eles, é impraticável, pois a maioria dos homens não tem opinião própria sobre o bem público, nem sabe o que ele representa, e se guia pelas suas paixões e interesses.

Não podemos fechar os olhos a essas críticas, que se baseiam em fatos conhecidos.

Mas devemos examinar se são lógicas e necessárias as conclusões deles deduzidas, e aí reside a questão fundamental.

E' certo que muito poucos cidadãos podem ter e formar uma opinião consciente, refletida, individual em relação a assuntos tão complexos como os que incumbem ao governo no Estado contemporâneo.

Esse argumento, como aprendemos em lógica, não prova nada, porque prova demais.

Raros somos nós, e sobre pouquíssimos assuntos, os que temos uma opinião racional e experimental. A verdade, que

a muitos escapa, é que nossas opiniões são a opinião dos outros. E nem de outro modo seria possível viver.

E' sempre bom advertir que os problemas mais complexos se tornam mais claros quando expressos em exemplos simples e adequados.

Quando nos sentimos doentes, febrís, desanimados, com dores aqui ou ali em nosso organismo, não vamos nos matricular na Faculdade de Medicina e estudar seis anos para saber o mal de que sofremos.

Simplesmente consultamos o médico e aceitamos, fazemos nossa a opinião que ele emite.

Se, em certos casos, me sinto prejudicado em meus direitos, quer por ação de indivíduos, quer por ação do Estado, não me vou bacharelar em Direito para me defender. Procuro um advogado e confio a ele meus interesses.

Se não sei exatamente o significado de uma palavra portuguesa ou alemã, não irei, para sabê-lo, tirar um curso de línguas na Faculdade de Filosofia. Recorro ao dicionário e aceito o que ele ensina.

Quando tomo um cafêzinho não envio preliminarmente aquele líquido preto e aquele pó branco a um laboratório, para ter certeza que o líquido é café e que o pó é açúcar.

Assim se forma a opinião e nem de outro modo a vida seria possível.

Em matéria política, a situação é a mesma, e não há nada de extraordinário.

Eu não tenho e não a tem a imensa maioria, capacidade para opinar sobre qual o armamento e estratégia que convém ao Brasil para sua defesa. Aceito a opinião dos militares que a isso se dedicam.

O maior número não conhece, nem poderia conhecer, a solução dos grandes problemas de governo.

Mas daí se segue que não exista a opinião pública?

Não, absolutamente não. A opinião pública existe no sentido de que todos os assuntos e interesses do povo sejam entregues a pessoas honestas e competentes para resolvê-los; ela está sempre presente no que se refere ao fundamento mesmo da sociedade política e sua finalidade.

Ela diverge e se divide, quando é chamada, capelosamente, a se manifestar quanto a opções e orientações especializadas. Vítima da propaganda política, que não raro subtrai ou deforma fatos e noções, insinua inferências ou conclusões errôneas, a opinião pública oscila e divaga.

Mais tarde ou mais cedo, porém, ela reivindica sua soberania e condena e pune os que a enganaram.

Assim, pois, a democracia é possível, não é um mito, nem uma ideologia; é um método de escolher livremente governantes que procurem realizar o bem público.

Abordemos agora um tema imprescindível.

A democracia é compatível com o comunismo?

Se o comunismo fôsse apenas um sistema econômico eu teria que distinguir para opinar.

Mas o comunismo é uma ideologia; é, ainda mais, uma religião.

O comunismo tem progredido, não pelo realismo de que se ufana, mas pelo messianismo de que se nutre; ele não é materialista e sim utópico, é um conjunto de erros intelectuais, de cegueira moral e de perversidade social.

Para os comunistas, a democracia nem sequer tem sido o governo da maioria, mas apenas da minoria burguesa e capitalista para esmagar o proletariado. Para eles não há sistemas eleitorais, nem congressos, nem transigências que possam apagar o fato da exploração dos pobres pelos ricos. Só a revolução é eficaz, destruindo a ordem social pela violência, e construindo outra, onde não haja classes e todos sejam iguais.

Não negaríamos a sinceridade dos pensadores comunistas, como Karl Marx, Engels e Lenine, em quererem corrigir a sociedade chamada burguesa e lutar pelo advento de uma sociedade melhor.

O que nos repugna são os métodos que preconizam e adotam, e não nos convencem que possam dar o que prometem.

E' difícil acreditar que táticas baseadas no ódio, no temor e na violência consigam criar um regime de fraternidade e de paz.

O espírito humano, mau grado suas deficiências, se rebela sempre contra a degradação que lhe é imposta, mesmo quando o seja em nome do bem.

As experiências parciais até agora feitas, mostram que todos os sistemas em que a liberdade é suprimida, mais tarde ou mais cedo soçobram pelos seus próprios erros.

Uma sociedade próspera e feliz exige de cada um de seus membros sacrifícios inumeráveis; mas a felicidade não poderá ser adquirida na servidão, seja qual fôr a ideologia que a exija.

O velho Karl Marx, intelectual que espreitava o mundo em sua mesa de estudo no Museu Britânico e protegido pela

liberdade burguesa britânica, foi genial em muitos pontos; não poderia, porém, abranger todos os tempos que haveriam de vir. O futuro mostrou e o presente está mostrando que nem a queda do capitalismo nem o triunfo universal do comunismo serão as realidades que o mundo enfrentará.

O capitalismo, tal como se constituiu historicamente desde os fins do século XVIII, está morrendo e quem sabe se já não morreu; talvez seja a putrefação de seu cadáver que ainda está empestando a civilização ocidental.

No entanto, é sumamente duvidoso que o comunismo possa substituí-lo.

Nesta fase preliminar, ele tem sido o instrumento da ambição e do fanatismo de poucos; o engodo para a ignorância de muitos, nunca a felicidade para a maioria.

E do socialismo, que diremos? E' ele conciliável com a democracia?

Desde o chamado socialismo utópico e pré-marxista, até às correntes mitigadas de nossos dias, o que ele pretende, não pela revolução e sim pela evolução, é a apropriação pelo Estado dos meios de produção, é a propriedade coletiva em vez da propriedade privada.

E ante os receios que desperta essa transformação, os socialistas cândidamente respondem: Sossegai! Tudo que não disser respeito à economia continuará entregue à iniciativa individual e a liberdade humana será respeitada pela planificação que o socialismo advoga.

Promessa sedutora, mas sofisma que só enganará os simplórios.

Os comunistas e socialistas pintaram sua bandeira alegando, com razão, que se a maioria dos homens nada possui e tudo está nas mãos da burguesia, não pode haver liberdade para todos.

Prometem agora que ninguém possuindo nada e o Estado possuindo tudo, todos serão livres.

Mas, que é o Estado, afinal?

Doutrinariamente ele é uma sociedade politicamente organizada, onde, se houver democracia, os governantes são livremente eleitos pelos governados.

Concretamente, ele se manifesta e aparece como a vontade dos homens que detêm o poder.

Então, se toda a economia estiver nas mãos do Estado, quer dizer que está sob a suprema direção de alguns homens eleitos para determinados cargos.

Ora, são os próprios comunistas e a maioria dos socialistas que, invertendo a lição dos evangelhos, afirmam que o homem vive do pão e este determina sua mentalidade e suas aspirações.

Sendo assim, e em grande parte é, no regime da planificação econômica do socialismo, as escolas, os jornais, as profissões, as viagens, os divertimentos, que tudo precisa de recursos econômicos, ficarão na dependência onímoda e irresponsável quase sempre de alguns indivíduos que ocupam os postos de direção. Somente se editará um jornal, um livro; somente haverá escolas como, quando e onde os governantes quiserem.

Sem o consentimento e o auxílio do Estado, ou melhor de funcionários públicos sentados orgulhosa e displicentemente atrás de uma escrivaninha, o indivíduo nada poderá fazer. Por último, nem lhe restará capacidade para pensar livremente; talvez muito poucos conservassem o dom de imaginar, de contemplar dentro de si mesmos as amargas visões e os profundos ressentimentos que a escravidão provoca.

Alinhemos agora algumas considerações finais, rápidas e precárias ante a vastidão dos temas abordados.

Repito ainda: não nego a sinceridade dos pensadores comunistas e socialistas — note-se bem: dos pensadores e não dos agitadores e demagogos. Discordo, porém, de seus métodos e não creio que possam realizar o que prometem.

Será, então, a democracia a solução para todos esses dilemas de ordem econômica, social e espiritual?

Quero ainda uma vez deixar bem claro meu pensamento. A democracia não é uma panacéia, nem um milagre, nem um dom gratuito da providência divina.

Ela é simplesmente um método, um processo de organização política, o menos imperfeito de todos até agora experimentados para realizar o bem público.

Mas, o que a maioria exige dela são as prerrogativas e os direitos da liberdade, fechando os olhos para os deveres que a liberdade supõe.

Em primeiro lugar, a democracia exige antepor o bem de todos ao nosso bem particular, e isso já é uma luta interior de que muito poucos saem vitoriosos.

A democracia não é um regime de paz inalterável; ela requer esforço e altruísmo, requer fraternidade e compreensão, bens inestimáveis que só a liberdade oferece.

Um dos grandes males da civilização contemporânea é o horror que o homem tem à liberdade e à responsabilidade.

Essa afirmação parecerá um paradoxo, mas é uma verdade comprovada pela psicologia, individual ou social.

Não nos iludamos com as agitações cada vez mais frequentes de classes e de povos, com as revoluções e rebeldias que agitam nosso mundo. Tudo isso é uma fuga, como dizem os psiquiatras.

Todo o homem quer ser feliz; porém, hoje, mais do que nunca, não sabe onde está a felicidade.

O ambiente tradicional da família, da profissão, do modo de viver, esboroou-se. Explodiram os sólidos fundamentos da vida social e espiritual. E na confusão inextricável de teorias, de crenças, de promessas, a pobre alma humana, transtida e angustiada, procura um apoio, um lenitivo, uma solução. Esta, aparentemente, não está em parte alguma, e o homem se desgarra e se perde procurando a salvação.

Em organização política, o homem entrega aos governantes a tarefa de fazê-lo feliz. Os governantes sendo também homens, o resultado é deplorável. Daí as revoluções, grevistas ou guerreiras. No que diz respeito à sua vida individual, ele procura excitações de toda ordem, para se aturdir e não pensar.

E o meio mais fácil é entregar tudo ao Estado, desde a educação dos filhos à escolha da profissão e do salário, e até dos divertimentos e da leitura.

Essa alienação da personalidade, insuflada e dirigida pelos governantes e pelos grupos de pressão, deu em resultado, como não poderia ser de outro modo, que a maioria dos homens modernos se divide em duas classes: dos violentos e dos conformados. Aquêles fazem as revoluções, em nome de tantas ideologias confusas; os outros sofrem, já sem esperança e sem ideal.

Que falem os demagogos, os fanáticos; falar é fácil; pensar e ser sincero é mais difícil, e realizar ainda muito mais.

Não haverá reformas políticas, nem planificações econômicas, nem acordos internacionais, nem guerras, nem viagens espaciais que libertem o homem de sua servidão, enquanto ele próprio não se libertar de seu egoísmo, de sua cegueira moral; diríamos mesmo, como Charles Richet, de sua estupidez